

O DISCERNIMENTO VOCACIONAL DO CARMELITA SECULAR



XXIV Encontro Nacional da OCDS

Fátima, 28-30 de abril de 2017

**O DISCERNIMENTO VOCACIONAL DO
CARMELITA SECULAR
XXIV Encontro Nacional da OCDS**

Fátima, 28-30 de abril de 2017

Fr. Alzínir Francisco Debastiani OCD

O discernimento vocacional do Carmelita Secular, tema deste XXIV Encontro Nacional da OCDS de Portugal, é de fundamental importância para a vida e missão de cada uma das Comunidades e, consequentemente da Província.

A atitude de discernimento faz parte da vida espiritual do cristão que quer ser fiel ao seu chamado. Busca descobrir ou aprofundar a vivência da vontade de Deus para segui-la, crescendo assim na confiança Nele, que conduz a uma maior intimidade e entrega ao seu serviço.

Hoje a capacidade de discernir vem sendo promovida pelo papa Francisco, que aplica-o à capacidade de leitura dos sinais dos tempos para saber por onde andar¹. Com isto ele nos convida a estar abertos à realidade que nos cerca a fim de colher os questionamentos do homem de hoje para, a

¹ “O cristão para viver o momento (Cf. Mc 13,28-29) sem deixar-se enganar, deve orientar-se com a oração e o discernimento... Eis para o que serve o discernimento: para conhecer os verdadeiros sinais e qual estrada tomar neste momento” (Francisco, *Homilia* 26 nov. 2013).

partir deles, promover uma ação pastoral de acordo² evitando cair em abstrações e idealizações.

Existem várias formas e aplicações do discernimento: da realidade social, política ou econômica, de uma opção pessoal ou de grupo ou comunidade, ou mesmo de confronto com os ideais a que se propõe, das graças espirituais especiais na vida de uma pessoa, etc. Vou privilegiar aqui o discernimento como atitude do cristão, o discernimento pessoal e comunitário como verificação da fidelidade à missão da OCDS (= Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares), o que favorece a formação permanente e o discernimento vocacional na OCDS. Veremos em 3 momentos:

1. *O discernimento como atitude do cristão;*
2. *Discernimento comunitário na OCDS como parte da formação permanente;*
3. *O discernimento vocacional na OCDS.*

² Assim por exemplo na exortação pós sinodal *Evangelii Gaudium* n. 16; 20; 30; 33; 43; 45; 50; 51; 77; 119; 154; 166; 179; 181; etc.. ele insiste na “escuta do Espírito, que nos ajuda a reconhecer comunitariamente os sinais dos tempos” (EG 14) ou no n. 51: “animo todas as comunidades a «uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos», reconhecendo, interpretando e fazendo a justa escolha do que constrói o Reino”; cf. 108. Também na *Amoris laetitia* n. 6; 37; 207; 242-243; 293; 293-306, etc, ele fala sobre a necessidade de discernir, pois a caridade é sempre uma atitude concreta que pede uma resposta diante de situações concretas da vida, onde o trigo e o joio crescem juntos (cf. EG 84).

1. O discernimento como atitude do cristão

O termo *discernimento* (do grego: *diákrisis*) traz em si a noção de separar, distinguir, estabelecer conveniente diferença entre duas ou mais realidades, discriminar, ver com clareza o certo e o errado, o bom e o ruim. No âmbito da direção ou acompanhamento espiritual cristão, o discernimento é a capacidade espiritual interior de refletir³, distinguindo o bem do mal, que na carta aos Hebreus (Heb 5,14) é uma característica de quem é adulto na fé. Tal capacidade permite fazer as escolhas certas e que são de acordo com a vocação de cada um. É particularmente importante em nossos dias, pois vivemos em mundo pluralista, confuso, com opiniões contrastantes e superficiais.

Daqui a atualidade e a importância do discernimento como aquela “qualidade do ânimo que permite reconhecer em cada circunstância o que convém fazer, e que permite avaliar para tomar uma decisão”⁴.

³ *Compêndio da Doutrina social da Igreja* (=CDSI), 114: “O coração indica ... as faculdades espirituais mais próprias do homem, que são suas prerrogativas, enquanto criado à imagem do seu Criador: a razão, o discernimento do bem e do mal, a vontade livre”.

⁴ Angellini, G. *La virtù del discernimento*, cit em, Gabriel A. V. Vahos, *El arte del discernimiento creyente*. (Bogotá: Celam 2014), 13.

No dinamismo da existência cristã, tomar decisões acertadas sobre o plano de Deus para si mesmo ou para os outros, exige uma especial atenção aos impulsos e motivações interiores, a fim de fazer opções que estejam de acordo com a vontade de Deus⁵. Entra em jogo aqui a capacidade de fazer uma leitura teologal dos sinais de Deus na realidade pessoal, social e eclesial.

Para que uma opção seja coerente com a finalidade a que a pessoa ou grupo se propõe, é necessário situar-se antes de tudo como fazendo parte de uma totalidade: a do Plano divino de salvação. O mistério da Redenção operado por Deus em Cristo é definitivo; está sendo levado adiante pela ação do Espírito Santo que conduz a Igreja na história, na qual o trigo e o joio crescem juntos (Mt 13,24-30; EG 84). Vivendo inseridos no tempo, nos damos conta que ele é propriedade de Deus e que sobre ele não temos nenhum controle. A única virtude para vivê-lo de maneira cristã é a da esperança teologal, a qual é também dom de Deus, que leva a agir na fé e no amor. Somente assim pode-se ver na história os sinais da ação do amor incondicionado, misericordioso e gratuito de Deus, do qual nada nos pode separar (Rm 8,38-39), fazendo a escolha justa, optando pelo bem e rejeitando o mal.

⁵ Cf Rom 12,2; Filp 1,10; Ef 5,10.

O discernimento visto sob esta luz, como um caminho dinâmico no tempo e à luz do plano salvífico Deus, ajuda a amadurecer na prática do bem, pois torna o cristão atento ao que se passa no seu interior, no sentir e advertir as motivações para agir, no interpretá-las para perceber se elas nos aproximam ou distanciam dos critérios do Evangelho e, enfim, agir conseqüentemente⁶.

Discernimento no Novo Testamento

Nos Evangelhos, Jesus chama a atenção para a capacidade humana de discernir os sinais do tempo (se vai chover, fazer calor ou não: Mt 16,3; Lc 12, 54-57) a fim de poder acolher o momento de graça presente nas suas ações. Em João Ele diz que as suas ovelhas distinguem a voz do Bom Pastor e o seguem, mas rejeitam a do mercenário (Cf Jo 10, 1-6). Em Mateus nos oferece o critério dos frutos para conhecer os falsos profetas:

“Cuidado com os falsos profetas: eles vêm até vós vestidos de ovelha, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os conhecereis. Acaso se colhem uvas de espinheiros, ou figos de urtigas? Assim, toda árvore boa produz frutos bons, e toda árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar frutos maus, nem uma árvore má dar frutos bons. Toda

⁶ Cf. Diego Fares, *Aiuti per crescere nella capacità di discernere*, em, *La Civiltà Cattolica* 4000 (2017) I, 377-389. esp. p. 382-384.

árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. (Mt 7,15-20; cf. 12,22-35).

Mas é sobretudo nos escritos de S. Paulo⁷ que aparecem indicações claras e importantes para um exercício de discernimento. Entre os muitos dons concedidos pelo Espírito para a edificação da comunidade, Paulo nomeia explicitamente o carisma do discernimento dos espíritos (*diakrisis pneumatou* - Cf 1Cor 12,10)⁸. Sendo um dom do Espírito para o bem da comunidade, adquire particular importância que permite saber a procedência das inspirações, do carisma da profecia ou das práticas ascéticas na comunidade a fim de manterem-se fiéis ao que o Espírito sugere, já que a docilidade à sua ação é uma das características da filiação divina: “todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”. Assim, evita-se cair novamente sob o “jugo da Lei” (Rm 8,14; cf. Gál 5, 16.18) e discernir o que edifica a Comunidade daquilo que não a edifica (Gál 5, 19-23; Rom 13,12; 1 Cor 3,3).

⁷ Cf. H. Haarbeck, *Prueba*, en *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*. Vol III. (Salamanca: Sígueme 1993, 3 ed.) 434-436. A. Baruffo, *Discernimiento*, em, *Nuevo diccionario de espiritualidad*, 2 ed. (Madrid: Paulinas 1983) 368-376; id, em <http://www.mercaba.org/DicES/D/discernimiento.htm>.

⁸ Cf. M. J. Buckley, *Discernimento degli spiriti*, in, *Nuovo dizionario di spiritualità* (Vaticano: LEV 2003) 248-255.

Paulo usa também uma outra maneira de exortar sobre a necessidade de discernir, quando escreve aos Filipenses pedindo-lhes para deixar de lado as “obras das trevas” e proceder como “filhos da luz”. Quer dizer, pratiquem “o que agrada ao Senhor”, estejam atentos para realizar o que é “da vontade do Senhor” (Ef 5, 6-17). Uma atitude que pressupõe constante atenção à ação do Espírito e vigilância no cumprimento da vontade de Deus: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rom 12,2; Cf 1 Jo 2,23-24).

Da doutrina paulina podemos então concluir que a ação do Espírito Santo existe quando há coerência entre as ações pessoais e uma sã e virtuosa afetividade, que esteja de acordo com a experiência interior de fé. Se existe harmonia entre um ato praticado com o fruto do Espírito, então há a experiência de paz, de alegria, etc. “O Reino de Deus não é comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve assim a Cristo agrada a Deus e é estimado pelos homens. Portanto, busquemos tenazmente tudo o que contribui para a paz e a edificação de uns pelos outros” (Rom 14,17-19).

O cristão vivendo em docilidade ao Espírito Santo recebido no Batismo é levado a uma constante renovação e transformação interior; passa de uma fé infantil a uma fé madura graças ao exercício do discernimento espiritual, que mesmo em meio a provações mantém-se fiel a Deus⁹.

Alguns critérios de discernimento nos escritos paulinos

Penso que seja útil lembrar aqui alguns *critérios de discernimento*¹⁰ que aparecem nos escritos de S. Paulo; eles podem ajudar na tarefa de “examinar os espíritos para ver se são de Deus” (1 Jo 4,1).

* *Os frutos*: o Espírito bom ou do mal é reconhecido pelos seus frutos: Gál 5,14-22; Ef 5, 8-10; Rom 7, 4-5.19-20.

* *A comunhão eclesial*: os dons autênticos do Espírito Santo edificam a Igreja: 1 Cor 14, 4.12.26.

* *A força na fraqueza*: O Espírito manifesta-se com sinais de poder: milagres, segurança para proclamar a palavra de Deus e enfrentar perseguições pela fé: 1 Tes 1,4-5; 2 Cor

⁹ 2 Cor 13,5: “Examinai-vos bem, para ver se estais na fé. Submetei-vos à prova”. Na vida cristã, as provações causam a perseverança (Cf Rom 5,4); a prova é sempre pascal, ilumina, faz crescer na liberdade diante do mal. Cristo foi provado em tudo, exceto no pecado (Heb 4,15; cf Tg 1,3).

¹⁰ Cf. A. Baruffo, *Discernimiento*, em, *Nuevo diccionario de espiritualidad*. *Op. cit.*

12,2. São autênticos quando contrastam com a debilidade do apóstolo: 2 Cor 2,4; 12,9.

* *A imediatez divina*: Segurança na vocação divina em docilidade eclesial; Deus dá a certeza da vocação (Rom 1,1; Gál 1,15; Fil 3,12) que necessita ser autenticada pela comunidade eclesial e pelos seus responsáveis (Gál 1,18).

* *A luz e a paz*: os dons do Espírito não são impulsos cegos que causam confusão, desordem e dificuldades, mas são vida e paz (Rom 8,6; 14, 17-18).

* *A comunhão fraterna*: é o critério mais seguro e importante que revela os sinais da presença do Espírito Santo (1 Cor 13); a caridade respeita e faz amar os carismas dos outros (1 Cor 12).

* *Jesus é o Senhor*: é o critério supremo de discernimento, pois ninguém pode maldizer Jesus no Espírito de Deus e sim proclamar “Jesus é o Senhor!” (1 Cor 12,3): adesão à sua Pessoa em fé e amor, proclamando sua divindade.

O exercício do discernimento da realidade secular

A exortação apostólica *Christifideles laici* (= ChL, João Paulo II, 30.12.1988) sobre *a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo*, amplia o campo de discernimento à sociedade humana; este é o campo próprio do exercício da sua vocação e da missão do leigo. “O *discernimento*, de que fala muitas vezes o apóstolo Paulo, não consiste apenas numa

avaliação das realidades e dos acontecimentos à luz da fé; é também uma decisão concreta e um empenhamento operativo, não só no âmbito da Igreja, mas também no da sociedade humana” (ChL 51). Fazendo isto, o fiel leigo torna-se capaz de “transfigurar o mundo” com o espírito das bem-aventuranças, iluminando e santificando as realidades temporais pelo testemunho de sua vida (Cf. LG 31).

O exercício de discernimento da realidade social ou política requer o conhecimento da realidade na qual se vive, de forma mais objetiva possível (também com a ajuda de outras ciências e instrumentos de conhecimento - sociologia, análise de conjuntura, etc); a partir deste conhecimento, faz-se uma análise à luz da fé, para, enfim, fazer a escolha concreta de acordo com o Evangelho para aquela situação particular¹¹.

¹¹ CDSI, n. 568: “O fiel leigo é chamado a *divisar*, nas situações políticas concretas, os passos realisticamente possíveis para dar atuação aos princípios e aos valores morais próprios da vida social. Isto exige um método de discernimento, pessoal e comunitário, articulado em torno a algumas passagens cruciais: o conhecimento das situações, analisadas com a ajuda das ciências sociais e dos instrumentos adequados; a reflexão sistemática sobre tais realidades, à luz da mensagem imutável do Evangelho e do ensinamento social da Igreja; a individuação das opções orientadas a fazer evoluir em sentido positivo a presente situação. Da profundidade da escuta e da interpretação da realidade podem nascer opções operativas concretas e eficazes; a estas, todavia, não se deve jamais atribuir um valor absoluto, pois que nenhum problema pode ser resolvido de modo definitivo: «A fé nunca

No âmbito do discernimento eclesial, a exortação *ChL* oferece alguns *critérios de eclesialidade* para as agregações laicais (n. 30, quadro abaixo). À luz da comunhão eclesial, tais critérios servem para medir a fidelidade da Comunidade OCDS à Igreja. Muitos destes critérios aparecem nos critérios de discernimento da vocação à OCDS sugeridos pela *Ratio Institutionis da OCDS* que veremos mais tarde.

É sempre na perspectiva da comunhão e da missão da Igreja e não, portanto, em contraste com a liberdade associativa, que se compreende a necessidade de *claros e precisos critérios de discernimento e de reconhecimento* das agregações laicais, também chamados «critérios de eclesialidade».

Como critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer agregação dos fiéis leigos na Igreja, podem considerar-se de forma unitária, os seguintes:

— *O primado dado à vocação de cada cristão à santidade*, manifestado «nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis» como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade.

Nesse sentido, toda e qualquer agregação de fiéis leigos é chamada a ser sempre e cada vez mais instrumento de

pretendeu manietar num esquema rígido os conteúdos socio-políticos, bem sabendo que a dimensão histórica, em que o homem vive, impõe que se admita a existência de situações não perfeitas e, em muitos casos, em rápida mudança».

santidade na Igreja, favorecendo e encorajando «uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a própria fé».

— *A responsabilidade em professar a fé católica*, acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, em obediência ao Magistério da Igreja, que autenticamente a interpreta. Por isso, toda a agregação de fiéis leigos deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral.

— *O testemunho de uma comunhão sólida e convicta*, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal, e com o Bispo «princípio visível e fundamento da unidade» da Igreja particular, e na «estima recíproca entre todas as formas de apostolado na Igreja».

A comunhão com o Papa e com o Bispo é chamada a exprimir-se na disponibilidade leal em aceitar os seus ensinamentos doutrinais e orientações pastorais. A comunhão eclesial exige, além disso, que se reconheça a legítima pluralidade das formas agregativas dos fiéis leigos na Igreja e, simultaneamente, a disponibilidade para a sua recíproca colaboração.

— *A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja*, que é a evangelização e a santificação dos homens e a formação cristã das suas consciências, de modo a conseguir permear de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes».

Nesta linha, exige-se de todas as formas agregativas de fiéis leigos, e de cada uma deles, um entusiasmo missionário que as torne, sempre e cada vez mais, sujeitos de uma nova evangelização.

— *O empenho de uma presença na sociedade humana que, à luz da doutrina social da Igreja, se coloque ao serviço da dignidade integral do homem.*

Assim, as agregações dos fiéis leigos devem converter-se em correntes vivas de participação e de solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade.

Os critérios fundamentais acima expostos encontram a sua verificação nos *frutos concretos* que acompanham a vida e as obras das diversas formas associativas, tais como: o gosto renovado pela oração, a contemplação, a vida litúrgica e sacramental; a animação pelo florescimento de vocações ao matrimónio cristão, ao sacerdócio ministerial, à vida consagrada; a disponibilidade em participar nos programas e nas atividades da Igreja, tanto a nível local como nacional ou internacional; o empenhamento catequético e a capacidade pedagógica de formar os cristãos; o impulso em ordem a uma presença cristã nos vários ambientes da vida social e a criação e animação de obras caritativas, culturais e espirituais; o espírito de desapego e de pobreza evangélica em ordem a uma caridade mais generosa para com todos; as conversões à vida cristã ou o regresso à comunhão por parte de baptizados «afastados».

No magistério da Ordem, as *Constituições da OCDS* falam do discernimento como exercício de fé no âmbito da Promessa de obediência. É a busca da vontade de Deus nos acontecimentos e desafios da vida pessoal e social: “A promessa de obediência é um exercício de fé que leva a buscar a vontade de Deus nos acontecimentos e desafios da vida pessoal e social. Por ela o Secular coopera

livremente com aqueles que têm a responsabilidade de guiar a Comunidade e a Ordem no discernimento e na aceitação dos caminhos de Deus: o Conselho da Comunidade, o Provincial e o Geral” (n. 15).

2. Discernimento pessoal e comunitário na OCDS como parte da formação permanente

Falamos de discernimento pessoal e comunitário. Significa ter presente que o discernimento pessoal leva ao comunitário e o comunitário ao pessoal; ambos são momentos complementares que ajudam a pessoa a “crescer, amadurecer continuamente, dar cada vez mais fruto” (ChL 57) em sua vida espiritual pessoal e comunitária.

Na Ordem Secular, cada membro chamado deve assumir a sua “própria responsabilidade” no viver a fé e o Batismo segundo o carisma teresiano, permanecendo unidos a Jesus, a fim de não ser cortado e jogado fora como o ramo estéril (Cf Jo 15,6). Além de uma vida pessoal de oração, de participação ativa na Comunidade e na Igreja, tem um papel importantíssimo a formação inicial e permanente, tal como pediu João Paulo II: “Neste diálogo entre Deus que chama e a pessoa interpelada na sua responsabilidade, situa-se a possibilidade, antes, a necessidade de uma formação integral e permanente dos fiéis leigos... Ele terá que responder, terá que assumir a própria responsabilidade..., tremenda e sublime...” (ChL 57). A formação faz parte do dinamismo do ser humano. Com as

diferentes fases da vida descobre “uma tarefa diversa a cumprir, um modo específico de ser, de servir e de amar” (VC 70) para ser fiel à vocação recebida e que gradualmente vai se revelando¹².

Mas a pessoa humana é também um ser social porque criada à imagem e semelhança de Deus-Trindade; é um ser capaz de amor pessoal e interpessoal¹³. Este fundamento antropológico – que é a base da sociabilidade humana, da natureza da Igreja Mistério de comunhão e seu estilo sinodal-, chama cada comunidade cristã, formada por pessoas livres e responsáveis, a viver em Cristo Jesus e segundo o seu mandamento do amor o “amai-vos como eu vos amei” (Jo 13,34-35) para ser “reconhecido como seus discípulos”.

Unido a esta vocação ao amor, cada um dos batizados participa do ofício profético de Cristo e do sentido sobrenatural da fé. Graças a estes dons pode discernir segundo o Espírito sobre as realidades da fé e dos costumes; ao mesmo tempo recebe sabedoria para

¹² “Ora, para poder descobrir a vontade concreta do Senhor sobre a nossa vida, são sempre indispensáveis a escuta pronta e dócil da palavra de Deus e da Igreja, a oração filial e constante, a referência a uma sábia e amorosa direcção espiritual, a leitura, feita na fé, dos dons e dos talentos recebidos, bem como das diversas situações sociais e históricas em que nos encontramos” (ChL 58).

¹³ Comissão teológica Internacional, *Comunhão e serviço; a pessoa humana criada à imagem de Deus* (2004), 40-43. CDSI, 34.

proclamar as verdades da fé com aquele “instinto sobrenatural da fé” que permite reconhecer o que é conforme à fé apostólica e o espírito do Evangelho¹⁴.

Estes princípios, que criam e sustentam a Comunidade, tem no exercício do discernimento comunitário um dos sinais mais profundos de vida fraterna e de busca de manter-se fiel à sua meta, sabendo que toda Comunidade enquanto dom¹⁵, necessita ser construída constantemente com a participação livre e ativa de cada um. Por isso “o discernimento é um exercício essencialmente comunitário, revelador da dimensão essencial da pessoa e da comunidade, âmbito e destinatária da graça recebida por

¹⁴ LG 12: “O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, «desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis», manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela acção do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direcção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefectivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida”. Cf ChL 14.

¹⁵ Bento XVI, *Caritas in veritate*, 6. 34: “uma comunhão fraterna para além de qualquer divisão, nasce da convocação da palavra de Deus-Amor”. Cf 54.

alguns de seus membros, chamada a viver *na, com e para a comunidade*¹⁶.

Consequentemente, saber reconhecer os frutos que estão sendo produzidos na vida pessoal e na vida da Comunidade, permitirá ainda constatar o progresso nas virtudes, pois na vida espiritual “quem não cresce, regride” (S. Teresa 7 *Moradas* 4,9). A meta é a de trabalhar para a “glória do Pai” (Jo 15,8; cf. EG 267), colaborando na missão da Igreja e da Ordem, construindo o Reino, produzindo “obras” (id. 7 *Moradas* 4,6; cf. Const. 26).

O discernimento comunitário

O P. Pedro Arrupe SJ definiu o discernimento comunitário como “uma busca corporativa da vontade Deus, que parte de uma reflexão conjunta e participada sobre os sinais capazes de indicar para onde nos impulsiona o Espírito de Cristo”¹⁷.

A exortação apostólica *Vita Consecrata* (=VC, 1996) exorta a cumprir juntos a vontade do Pai em discernimento, diálogo e comunhão (n. 92). No documento da CIVCSVA, *O serviço da autoridade e da obediência* (2008) o discernimento

¹⁶ Maximiliano Herráiz, *Discernimiento espiritual en Teresa e Juan de la Cruz* (Gasteiz/Vitoria: ITVR 2008), 7.

¹⁷ Citado em, José M. Rambla Blanch; *Discernir en Comunidad; El Espíritu habla a las comunidades*. (Gasteiz-Vitoria: ITVR 2002) p. 41.

comunitário é reconhecido como um dos instrumentos da formação e do crescimento espiritual, sendo um dos momentos mais significativos de fraternidade; este documento também oferece as suas principais características¹⁸.

A *fonte para o discernimento* é a Palavra de Deus, especialmente os mistérios de Cristo, que levam a interpretar e executar a vontade de Deus, realizando em consequência grandes obras pelo bem dos demais. A oração, a convivência com a Palavra de Deus dão “a luz necessária para aquele discernimento individual e comunitário” que ajuda “a procurar, nos sinais dos tempos, os caminhos do Senhor”. Adquire-se “assim *uma espécie de instinto sobrenatural*”, que permite não se conformar “com a mentalidade deste mundo”, mas renovar “a própria mente para poder discernir a vontade de Deus, aquilo que é bom, o que Lhe é agradável e perfeito (cf. *Rm 12,2*)” (VC 94).

No âmbito da Ordem, *fontes* com as quais confrontar-se (além das Escrituras sagradas e do Magistério da Igreja), são as *Obras* e a doutrina dos nossos Santos (Cf Ratio 79), as *Constituições da OCDS* (2003/2014) e a *Ratio Institutionis*

¹⁸ Cf. CIVCSVA, *O serviço da autoridade e da obediência* (2008). Cf n. 13; 20 e. Cf. Parte seguinte, *Orientações para discernimento comunitário*, frases entre aspas.

para a OCDS (2009); estes documentos são concretizados nos *Estatutos* e *Programas de formação* de cada Província.

Como *experiência comunitária*, sujeito do discernimento é a Comunidade em sua busca *constante de verificação e atualização* da vida em acordo com os ideais propostos nos documentos que regem a OCDS¹⁹. Através do acompanhamento espiritual pessoal e das avaliações comunitárias periódicas deve-se averiguar a fidelidade da entrega de cada um e sua união com a vontade de Deus segundo o carisma da Ordem. Isto requer uma participação ativa de cada um/a na vida da mesma (cf. Const. 24 c), com o vivo *sentido de pertença e de corresponsabilidade* de cada um dos seus membros; estas características são essenciais na vida de qualquer Comunidade cristã autêntica.

Condição importante para bem exercitar o discernimento é propiciar um *clima de fé e de oração*: Cristo está presente onde dois ou mais se reúnem em seu nome (Mt 18, 19-20). Ao mesmo tempo exige *confiança e abertura na mediação do outro*, a “capacidade de colher a verdade, mesmo que parcial, e, por isso, para acolher o seu parecer como mediação para descobrir, juntos, a vontade de Deus”,

¹⁹ Cf. Myrna Torbay OCDS, conferência no V Congresso Ibérico da OCDS em Ávila, Julho de 2016: *El discernimiento vocacional en la Orden Secular*. Ela apresenta uma experiência concreta de discernimento comunitário e participativo.

guiados pelo Espírito, que é o *principal educador* (Cf. *Ratio* 16; *Chama Viva de amor* 3, 46) e que atua em cada um dos membros para o bem de toda a Comunidade (1 Cor 12,7; 12,1-30). Consequentemente, de todos requer-se que sejam disponíveis à conversão, livres de preconceitos e de apego às próprias ideias, bem como saber respeitar os demais e suas convicções.

O discernimento comunitário é também ocasião para uma *tomada de consciência das qualidades e carências da Comunidade*. Requer uma aceitação realística da própria Comunidade, com a conseqüente busca de sanar as carências e lacunas percebidas, e o conseqüente esforço conjunto para cumprir o que foi percebido como sendo da vontade de Deus.

O discernimento é também um instrumento para *atualizar no tempo e na sociedade o carisma* do Carmelo Teresiano. A Comunidade OCDS existe e mantém viva a função de “entender a identidade do Carmelita no mundo de hoje e descobrir qual é o serviço específico a ser prestado a Deus, à Igreja, à Ordem e ao mundo” (*Ratio* 3). É um processo constante que exige esforço para adaptar-se, quer às exigências do Evangelho.

Assim entendido, o discernimento comunitário torna-se uma forte experiência teologal da Comunidade: Deus atua *na Comunidade e através da comunidade* a fim de que esta

possa testemunhar que vive do Seu Amor de forma compreensível ao homem e à mulher de hoje.

Enfim, para que haja um bom exercício de discernimento comunitário, é fundamental que cada um dos membros da Comunidade que tenha feito alguma experiência de discernimento pessoal; que os membros estejam dispostos a *participar ativamente no processo de discernimento*, com “o firme propósito de manter sempre a unidade, seja qual for a decisão final” à qual se chegue.

Orientações para uma experiência comunitária de discernimento

Antes de concluir, apresentamos a seguir as possíveis *etapas* e *atitudes* de uma experiência prática de discernimento comunitário. É importante lembrar que existem vários *graus* de realização e diversas *fases* de aprofundamento, os quais variam de acordo com cada Comunidade²⁰.

a) *Vivificar no grupo um clima de fé, de escuta de Deus e dos outros, de disponibilidade e de oração, a fim de descobrir juntos a vontade de Deus.* Deixar-se inspirar pelo seu modo de agir nas Escrituras e na história da Ordem, lembrando que a lógica divina (que na fraqueza tem sua força) é em muitos casos “invertida” diante da lógica humana (que procura o sucesso, a eficiência e o reconhecimento).

b) *Delimitar com exatidão o tema que será objeto do discernimento e de uma eventual decisão; quem for o/a encarregado/a de dirigir e motivar o discernimento deve proporcionar todas as informações objetivas sobre o tema*

²⁰ Cf. A. Baruffo, *Discernimiento*, em, *Nuevo diccionario de espiritualidad*. *Op. cit* p. 374-375; CIVCSVA, *O serviço da autoridade e da obediência* (2008), 20 e.

(nas Escrituras, nas Constituições OCDS e demais documentos, etc), a fim de que todos conheçam os dados necessários; deve-se tratar de um tema de competência do grupo, que seja de importância e transcendência para sua vida e missão.

c) Iniciar com um *tempo de oração pessoal silenciosa*, para colocar-se à escuta de Deus, apresentar-Lhe o tema, sobre o qual invoca-se sua Luz e assim poder perceber as moções espirituais que procedem do Espírito Santo, com um coração livre de afetos desordenados.

d) Pode-se seguir a uma *reunião de “escuta”*, na qual cada um pode expressar o que experimentou na oração sendo escutado pelos demais, com autêntica participação, mas sem discutir sua experiência.

e) Pode-se dedicar a seguir *outro tempo de oração pessoal* para pedir ao Senhor discernimento sobre as motivações a favor e contra ao tema sobre o qual se discerne.

f) Segue-se uma *reunião de discussão e diálogo e de análise* dos argumentos que cada um traz e que foram iluminados pelas moções do Espírito, seja as de consolação ou as de desolação.

g) Quando o discernimento chega ao ponto de suficiente maturação, passa-se à *fase deliberativa*; o ideal é que a busca leve a uma decisão unânime e sem paixões. Se isto não

acontece, seria necessário ao menos haver unanimidade na aceitação do que a maioria decidiu como melhor.

h) Enfim segue a *confirmação da decisão tomada*, que se manifesta em diferentes níveis. No caso de uma Comunidade OCDS, a confirmação da autoridade imediata do Conselho ou do Provincial no âmbito das Constituições e Estatutos, ou do Geral e seu Definitório em caso de sua competência, que toma a decisão final e assegura à comunidade que ela encontra-se no caminho certo. Como sinais de confirmação do Espírito, há um aumento de fé, esperança e caridade depois da tomada de decisão. Finalmente há a confirmação apostólica, ou seja, a experiência concede novas energias apostólicas, dando um sentido mais vivo de ser Igreja, um maior entusiasmo missionário ou de serviço. Estes sinais da ação do Espírito no discernimento realizado levam ao agradecimento e louvor ao Senhor.

1 - Perguntas para trabalho em grupos

- 1. O que mais chamou a sua atenção? Por quê?*
- 2. Você concorda que o discernimento comunitário ajuda a Comunidade a crescer no amor e na unidade? Por quê?*
- 3. Em sua Comunidade são feitas escolhas, avaliações ou discernimento com a participação de todos, segundo o modelo apresentado de discernimento comunitário?*
- 4. Outros comentários e sugestões...*

* * *

APÊNDICE

São João da Cruz: a necessidade do parecer de uma outra pessoa, do diálogo e entendimento conjuntos na busca de discernir.

“Deste modo procede a alma humilde: não ousa tratar só com Deus nem se contenta e assegura enquanto não se submete ao governo e conselho humano. E Deus assim o quer; quando alguns se juntam a conferir uma verdade; ele está presente no meio deles para esclarecer e confirmá-la em seus espíritos, por meio da razão natural, como

aconteceu a Moisés e Aarão, aos quais prometeu o Senhor falar pela boca de um e outro, quando agissem conjuntamente. Também diz o mesmo Senhor no Evangelho: Onde se acham dois ou três congregados em meu nome, para examinar o que é mais vantajoso à minha honra e glória, aí estou eu no meio deles (Mt 18,20), para fazer brilhar em seus corações o esplendor das verdades divinas. Notável é não ter dito que onde estiver um só, ali estará ele - mas estará onde estiverem ao menos dois. Com isso nos ensina não ser permitido ao homem julgar sozinho as coisas divinas e nelas se apoiar, sem o conselho e a direção da Igreja e dos seus ministros. Deus não se faz presente àquele que esta só; não o esclarece na verdade, nem a confirma no seu interior, deixando-o deste modo túbio e fraco em relação à mesma verdade" (2 *Subida do Monte Carmelo* 22,10-11).

3. O discernimento vocacional na OCDS.

À luz do que vimos na primeira parte, vamos agora dedicar-nos agora ao discernimento das vocações ao Carmelo Secular. Devemos ter em conta que uma pessoa é inserida gradualmente na Comunidade OCDS (cf. Const. 36; Ratio 4-6).

A formação como processo gradual tem início na fase de contato inicial com a Comunidade (6 meses a 1 ano), prolonga-se na formação inicial (2 + 3 anos) e depois naquela permanente (até a saída do purgatório...). Trata-se de aprender a viver o seguimento a Jesus Cristo, em amizade com Ele e com os demais da Comunidade OCDS, naquele “aventurar a vida” (*Vida* 21,4) seguindo os passos de Jesus. Para que isto seja levado a efeito, podemos dizer que o discernimento é um “processo com que a pessoa, em diálogo com o Senhor e à escuta da voz do Espírito, chega a fazer as opções fundamentais”²¹.

Na OCDS o discernimento vocacional é uma tarefa confiada ao Conselho da Comunidade (Const. 46). Ele é quem realiza “um adequado discernimento acerca da vocação ao Carmelo” (Ratio 6) e que admitirá a pessoa para a formação e as etapas sucessivas de pertença à

²¹ *Doc. Preparatório do Sínodo de 2018, II.2. Cf. Apêndice 1.*

Comunidade (Const. 47). Aqui o discernimento pessoal e caminha junto àquele comunitário, como já vimos.

Segundo as *Constituições* (n. 32), o “objetivo central do processo de formação da Ordem Secular é a preparação da pessoa para viver o carisma e a espiritualidade do Carmelo em seu seguimento de Cristo a serviço da missão”. Por isso é necessário situar o tema do discernimento dentro do que significa *viver o carisma e a espiritualidade do Carmelo e o seu serviço ou missão* na Igreja e na sociedade como estão definidos nas *Constituições da OCDS*, na vida e dos escritos de santa Teresa e de São João da Cruz. Deles recebemos o carisma e nele podemos ver que existência cristã vivida como amizade com Deus é dinâmica e transformante²². Da mesma forma no caminho vocacional: há uma inquietude vocacional, uma busca de responder em um determinado carisma ou espiritualidade, em compromisso livre e responsável.

²² Baste-nos aqui recordar a experiência e o itinerário vivido e descrito pela santa Madre Teresa no Livro da Vida e no Castelo Interior; ou mesmo o itinerário do santo padre João da Cruz, descrito na Subida do Monte Carmelo, Noite escura, Cântico espiritual e Chama de amor viva. Ambos levam a buscar a união da vontade humana com a de Deus e descrevem a vida cristã como uma cristificação progressiva da pessoa, quando esta permanece unida a Cristo.

Sob este pano de fundo vamos acompanhar as linhas para o discernimento vocacional do Carmelita Secular, *segundo a Ratio Institutionis da OCDS*.

A *Ratio Institutionis OCDS* (= Ratio) define o discernimento vocacional como “buscar a vontade de Deus, para a pessoa ‘deixar-se conduzir por Deus’” (Ratio 59) e apresenta os critérios de discernimento da vocação ao Carmelo Secular nos nn. 59-93.

Foram elaborados pelo Delegado Geral para a OCDS, Fr Aloysius Deeney OCDS e posteriormente inseridos como apêndice na *Ratio Institutionis da OCDS* (2009). Hoje fala-se da necessidade de pessoas que exercitem o *ministério de discernimento vocacional*²³ a fim de educar e acompanhar as pessoas na descoberta da vocação, levando-as confiarem-se progressivamente a Deus e a responder ao seu chamado.

A *Ratio* inicia *definindo* discernimento e quem são os *agentes* envolvidos no processo (59-60):

59. “Discernir é buscar a vontade de Deus para a pessoa, é “ser conduzido por Deus”. Nesta busca os seguintes princípios agem como pautas:

- Deus não se oculta, mas, antes, se nos revela;

²³ A. Cencini, *Nuove realtà in materia vocazionale*, p. 13. Congregazione per il Clero, Convegno internazionale di pastorale vocazionale, Roma, 19-21 ottobre 2016. Em, <http://www.clerus.va>.

- Ele respeita a livre vontade com que nos dotou;
- A vida humana implica responsabilidade, isto é, a liberdade de responder;

60. Há três agentes neste processo: Deus, o candidato e os implicados na formação [toda a Comunidade é formativa cf.; Const. 24 d; Ratio 28]”.

Da parte *de Deus*, ele veio ao nosso encontro na Pessoa de Jesus e que segundo S. Teresa, tem ânsias em comunicar-se conosco²⁴. Sabemos que Sua fidelidade e desejo de salvação de todos são irrevogáveis (Rm 11,29; 1 Tm 2,4). Este é o apoio firme de quem se sente chamado, sabendo que pode contar com sua graça.

Outra é a questão que diz respeito ao carisma particular ao qual a pessoa é chamada. Normalmente exige atenção e procura por parte da pessoa a fim de encontrar a sua “pátria espiritual” (A. Ballestrero), outros que vivam o mesmo carisma. Normalmente o desejo que no início é ainda vago, depois vai tendo maior clareza, enquanto avança no processo.

Do ponto de vista *da pessoa*, deve-se ajudá-la a dar passos no discernimento. O papa Francisco indicou três: *reconhecer, interpretar e escolher* (cf. EG 51)²⁵. É importante

²⁴ Cf. 1 Moradas 1,3; 7 Moradas 3, 9.

²⁵ A título de informação, o *Documento preparatório ao Sínodo dos Bispos 2018: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (parte II), desenvolve as três etapas de discernimento sugeridas pelo Papa Francisco na EG 51

(reconhecer, interpretar, escolher) e as aplica ao discernimento vocacional dos jovens:

“Reconhecer

O reconhecimento diz respeito antes de tudo aos efeitos que os acontecimentos da minha vida, as pessoas com as quais me encontro, as palavras que ouço ou que leio produzem na minha interioridade: uma variedade de «desejos, sentimentos, emoções» (*Amoris laetitia*, 143) de natureza muito diferente: tristeza, obscuridade, plenitude, medo, alegria, paz, sensação de vazio, ternura, raiva, esperança, tibieza, etc. Sinto-me atraído ou impelido numa pluralidade de direções, sem que nenhuma delas me pareça como aquela que claramente devo tomar; é o momento dos altos e baixos, e em certos casos de uma autêntica luta interior. Reconhecer requer que se traga à tona esta riqueza emocional e que se mencionem estas paixões, mas sem as julgar. Exige também que se sinta o «gosto» que elas deixam, ou seja, a consonância ou dissonância entre o que eu experimento e aquilo que existe de mais profundo em mim.

Nesta fase a Palavra de Deus reveste uma grande importância: com efeito, meditá-la põe em movimento as paixões, assim como todas as experiências de contacto com a própria interioridade, mas ao mesmo tempo oferece uma possibilidade de as fazer sobressair, identificando-se nas vicissitudes que ela narra. A fase do reconhecimento coloca no centro a capacidade de escuta e a afetividade da pessoa, sem se subtrair por medo ao cansaço do silêncio. Trata-se de uma passagem fundamental no percurso de amadurecimento pessoal, de maneira particular para os jovens que experimentam com maior intensidade o vigor dos desejos e podem sentir-se também assustados diante deles, talvez renunciando aos grandes passos para os quais contudo se sentem impelidos.

Interpretar

Não é suficiente reconhecer aquilo que nós experimentamos: é necessário «interpretá-lo» ou, em outras palavras, compreender para o que o Espírito nos chama através daquilo que suscita em cada um. Muitas vezes detemo-nos a narrar uma experiência, ressaltando que «ficamos deveras impressionados». Mais difícil é compreender a

origem e o significado dos desejos e das emoções sentidas e avaliar se eles nos orientam numa direção construtiva ou, pelo contrário, se nos levam a fechar-nos em nós mesmos.

Esta fase de interpretação é muito delicada; exige paciência, vigilância e também uma certa aprendizagem. Devemos ter a capacidade de estar cientes dos efeitos dos condicionamentos sociais e psicológicos. Isto requer que se ponham em campo também as próprias faculdades intelectuais, contudo sem cair no risco de construir teorias abstratas sobre aquilo que seria bom ou bonito fazer: até no discernimento, «a realidade é superior à ideia» (*Evangelii gaudium*, 231). Na interpretação, não podemos nem sequer descuidar o confronto com a realidade e a consideração das possibilidades que objetivamente temos à disposição.

Para interpretar os desejos e os impulsos interiores é necessário confrontar-se honestamente, à luz da Palavra de Deus, também com as exigências morais da vida cristã, procurando inseri-las sempre na situação concreta de vida. Este esforço impele quem o envida a não se contentar com a lógica legalista do mínimo indispensável, procurando ao contrário o modo de valorizar da melhor maneira os dons pessoais e as próprias possibilidades: por isso, trata-se de uma proposta atraente e estimulante para os jovens.

Este trabalho de interpretação realiza-se num diálogo interior com o Senhor, com a ativação de todas as capacidades da pessoa; no entanto, a ajuda de um especialista na escuta do Espírito constitui um apoio inestimável, que a Igreja oferece e do qual é pouco prudente não lançar mão.

Escolher

Uma vez reconhecido e interpretado o mundo dos desejos e das paixões, o ato de decidir torna-se exercício de autêntica liberdade humana e de responsabilidade pessoal, obviamente sempre situadas e portanto limitadas. Por conseguinte, a escolha subtrai-se à força cega dos instintos, aos quais um certo relativismo contemporâneo acaba por atribuir o papel de critério último, aprisionando a pessoa na volubilidade. Ao mesmo tempo, liberta-se da sujeição a instâncias

tê-los presente e levar a pessoa a vivê-los de forma livre e responsável.

É necessário levar em conta também que o discernimento do Conselho da Comunidade supõe o discernimento pessoal do candidato/a.

De fundamental importância é o acompanhamento²⁶

externas à pessoa e portanto heterónomas, exigindo igualmente uma coerência de vida.

Durante muito tempo, ao longo da história, as decisões fundamentais da vida não foram tomadas pelas partes diretamente interessadas; em certas regiões do mundo ainda é assim, como foi mencionado inclusive no capítulo I. Promover escolhas verdadeiramente livres e responsáveis, despojando-se de toda a conivência com legados de outros tempos, permanece o objetivo de qualquer pastoral vocacional séria. O discernimento é o seu principal instrumento, que permite salvaguardar o espaço inviolável da consciência, sem pretender substituí-la (cf. *Amoris laetitia*, 37).

A decisão deve ser posta à prova dos acontecimentos, tendo em vista a sua confirmação. A escolha não pode permanecer prisioneira numa interioridade que corre o risco de permanecer virtual ou irrealista – trata-se de um perigo acentuado na cultura contemporânea – mas é chamada a traduzir-se em ação, a encarnar, a dar início a um percurso, aceitando o risco de se confrontar com aquela realidade que tinha posto em movimento desejos e emoções. Nesta fase surgirão outros ainda: reconhecê-los e interpretá-los permitirá confirmar a bondade da decisão tomada ou aconselhará a revê-la. Por isso, é importante «sair» também do medo de errar que, como vimos, pode tornar-se paralisante”.

²⁶Id. II, 4: “Na base do discernimento podemos encontrar três convicções, bem arraigadas na experiência de cada ser humano, relida à luz da fé e da tradição cristã. A primeira é que o Espírito de Deus age no coração de cada homem e de cada mulher, através de sentimentos

solícito do candidato/a – ou dos formandos -, realizado pelo Responsável da formação ou outra pessoa designada para isso. Ele exerce a missão que lhe foi confiada, consciente que é um “cooperador privilegiado com a graça divina... se considerará um discípulo humilde e um servo do único Mestre, Jesus Cristo... será consciente de que está

e desejos que se vinculam a ideias, imagens e projetos. Ouvindo com atenção, o ser humano tem a possibilidade de interpretar estes sinais. A segunda convicção é que o coração humano, por causa da sua fragilidade e do seu pecado, se apresenta normalmente dividido porque atraído por apelos diversos ou até opostos entre si. A terceira convicção é que, contudo, o percurso de vida obriga a decidir, porque não se pode permanecer infinitamente na indeterminação. No entanto, é preciso dispor dos instrumentos para reconhecer a chamada do Senhor para a alegria do amor e decidir dar-lhe uma resposta.

Entre estes instrumentos, a tradição espiritual põe em evidência a importância do acompanhamento pessoal. Para acompanhar outra pessoa, não é suficiente estudar a teoria do discernimento; é preciso viver na própria pele a experiência de interpretar os movimentos do coração para neles reconhecer a ação do Espírito, cuja voz sabe falar à singularidade de cada um. O acompanhamento pessoal requer que se aguce continuamente a própria sensibilidade à voz do Espírito, levando a descobrir nas peculiaridades pessoais um recurso e uma riqueza.

Trata-se de favorecer a relação entre a pessoa e o Senhor, colaborando para remover aquilo que a impede. Nisto consiste a diferença entre o acompanhamento em vista do discernimento e o apoio psicológico, que no entanto, se permanecer aberto à transcendência, se revelará com frequência de importância fundamental. O psicólogo apoia uma pessoa em dificuldade, ajudando-a a tomar consciência das próprias fragilidades e potencialidades; o guia espiritual remete a pessoa ao Senhor e prepara o terreno para o encontro com Ele (cf. *Jo 3, 29-30*)”.
cf. *Evangelii Gaudium* = EG 169-173.

cumprindo um papel importante de mediação entre o candidato por uma parte e a Igreja e a Ordem por outra” (*Ratio* 34; cf. 35).

Na prática do discernimento, por meio de uma observação atenta das atitudes e do modo de ser da pessoa, busca-se a verificação objetiva da presença das *qualidades*²⁷ que indicam aptidão para a vida da OCDS. Possui especial importância perceber se a pessoa tem a “aptidão básica para adquirir estas qualidades [enumeradas na *Ratio* 64-66] e um gradual amadurecimento nelas. Esta progressiva maturidade, fruto da vivência do carisma teresiano é a amostra mais genuína de uma vocação” (*Ratio* 68)²⁸. Por

²⁷ *Ratio* 64. **No aspecto humano:** Uma personalidade estável; Senso comum; Maturidade emocional; Capacidade de confiar e abertura; Disposição para cooperar; Realismo, tolerância e flexibilidade; Certo autoconhecimento; Fidelidade a princípios.

65. **No âmbito da vida cristã:** Boa vontade em cooperar com Deus, em espírito de fé; Verdadeira estima pela oração; Amor de predileção pela Sagrada Escritura; Compromisso com a Igreja e participação na própria comunidade paroquial; Amor compassivo e ativo.

66. **Referente ao carisma teresiano:** Gosto pela oração; Desejo de estabelecer uma relação pessoal e amistosa com Deus; Espírito contemplativo e ativo; Amor pela Igreja; Desejo de familiarizar-se com a espiritualidade do Carmelo.

²⁸ Santa Teresa oferece conselhos sobre a escolha das candidatas ao Mosteiro nos cap. 13-14 do *Caminho de perfeição*, valorizando o *bom entendimento*. Também pede que haja *informação e provação*. Escreve. “... embora no interior se espere por algum tempo até que a alma se desapegue de todo, mortificando-se, no exterior exige-se que seja logo. Aquela que, vendo que todas o fazem e estando sempre em tão boa companhia,

outro lado, da parte da pessoa vocacionada é importante perceber se há abertura de si aos outros²⁹, que permite deixar-se conhecer no diálogo pessoal com o Responsável da formação (cf. *Ratio* 62) e busca um relacionamento fraterno franco e familiar com os demais membros da Comunidade.

Da mesma forma, a observação de *contraindicações*³⁰ são importantes, a fim de alertar a pessoa no diálogo pessoal sobre elas e ajudar a corrigi-las; caso não haja mudanças, solicitar que a pessoa deixe a Comunidade antes de comprometer-se com a Promessa, evitará conflitos no futuro.

não aproveitar em um ano, temo que não aproveite mais, e sim menos, em muitos" (*Caminho* 13,7).

²⁹ Cf. Const. 34; *Ratio* 85: "Uma pessoa que deseja ser membro da OCDS deve ser capaz de formar comunidade, de ser parte de um grupo que tem uma meta comum, de mostrar interesse pelos irmãos, de ser apoio na busca de uma vida de oração e estar aberto para receber a ajuda dos outros".

³⁰ *Ratio* 67. **Algumas contraindicações:** Sintomas de uma carência de equilíbrio psicológico; Presença de situações familiares que impossibilitem ou incompatibilize viver as Constituições; incapacidade de integrar-se pessoal e existencialmente na vida da comunidade; emoções exageradas de cólera, de ansiedade, medo, depressão ou sentimento de culpa; Ideias pré-concebidas do Carmelo que impeçam a aprendizagem e o crescimento pessoal; Noções fundamentalistas ou apocalípticas da Igreja; Pertença a organizações com uma espiritualidade díspar ou a grupos fundamentados em revelações privadas.

Enfim, devemos ser conscientes que a pessoa humana é um mistério, possui liberdade e autonomia e é passível de mudanças (“Só Deus não muda”). Tudo isso nos leva a ser realistas e admitir a possibilidade de enganos e decepções no discernimento vocacional³¹.

Critérios de discernimento segundo a Ratio Institutionis da OCDS

Passamos agora a apresentar brevemente os *critérios de discernimento* da vocação de um Carmelita Secular, seguindo o texto da *Ratio Institutionis* da OCDS (n. 69-93). É importante que estes critérios sejam vistos como um conjunto e que todos os seus elementos de uma maneira ou de outra estejam presentes na vida da pessoa, mesmo de forma ainda embrionária.

³¹ Cf. S. Teresa e o caso de Casilda Padilla que entrou no Mosteiro de Valladolid (cf. *Fundações* 10-11) e que depois de vários anos saiu para tornar-se abadessa de outra Ordem. A Santa está já no último ano de sua vida. Reage com tristeza e comunica-o ao superior provincial (Gracián) nestes termos: “hoje me trouxeram essa carta de Valladolid, que prontamente sobressaltou-me a novidade; mas logo considerei que os juízos de Deus são grandes... Não tenha pena... Não deve querer Sua Majestade que nos honremos com senhores da terra, mas com pobrezinhos, como eram os apóstolos... É o melhor que só nele ponhamos os olhos. Vá Casilda com Deus” (cta 388,1-2 – 17 de setembro de 1581).

“69. Um Carmelita Secular é:

Um membro ativo da Igreja Católica que, sob a proteção de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e inspirado por Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, se compromete com a Ordem para buscar o rosto de Deus na oração e no serviço para o bem da Igreja e das necessidades do mundo”.

Um membro ativo da Igreja Católica

70. Um católico praticante pode ser admitido na Ordem Secular do Carmelo Descalço nas seguintes condições: pratique a fé católica e respeite a autoridade do Papa e o Magistério da Igreja.

71. A palavra “praticar” especifica algo sobre a pessoa que aspira formar parte da Ordem Secular. Como prova básica do “praticar” a fé católica está a capacidade para participar plenamente na Eucaristia com uma consciência clara. A Eucaristia é o cume da vida espiritual e a identidade católica. Assim, pois, se alguém carece de impedimentos morais ou canônicos para participar na Eucaristia é apto e goza de liberdade para formar parte da Ordem Secular.

72. A Ordem Secular é uma instituição da Igreja Católica e, portanto, sujeita às leis eclesiásticas. A Sé Apostólica aprova sua legislação. Por conseguinte, alguém que não pertença à Igreja Católica não pode ser um membro da Ordem Secular. Os membros de outras igrejas cristãs interessados na espiritualidade do Carmelo certamente podem participar em

qualquer programa, se a comunidade quer convidar, mas não podem ser membros da Ordem Secular.

- ✓ *Católico praticante; ver como é a vida de participação na comunidade; se é neo-convertido; se tem ideias fanáticas ou milenaristas...participou de outros grupos anteriormente? Se sim, por que os deixou? Se é de outra Paróquia, pedir apresentação do Pároco. Participa da Eucaristia pelo menos aos domingos?*
- ✓ *Que pode participar plenamente na Eucaristia; situação matrimonial; há impedimentos? Recebeu todos os Sacramentos da Iniciação cristã?*
- ✓ *Docilidade e fidelidade ao Magistério da Igreja católica. Como é a aceitação do Magistério? É uma pessoa com extremismos na vivência da fé (tradicionalista?); aceita a Tradição católica?*

Sob a proteção de Nossa Senhora do Monte Carmelo

73. Os Carmelitas Seculares veem Maria como modelo de sua vida no Carmelo; ajudam na Igreja a salvaguardar um amor maduro e uma devoção autêntica a Maria com toda a perfeição possível; levam o escapulário como expressão externa da proteção maternal de Maria, de nossa dedicação a seu serviço, e como um incentivo para viver a virtude teologal da esperança; veneram a Maria diariamente mediante um exercício piedoso e comemoram seus mistérios especialmente na liturgia.

74. Uma qualidade essencial da vocação de um Carmelita Secular é a capacidade para a meditação. Maria, para um

membro da Ordem Secular, é o modelo de uma atitude e disposição meditativas. Ela atrai e inspira o carmelita à forma contemplativa de entender a vida do Corpo Místico de seu Filho, que é a Igreja. No processo formativo que o candidato ou aspirante encontra quando entra no Carmelo, este é o aspecto que deve ser desenvolvido na pessoa.

75. O aspecto peculiar da Virgem Maria que deve estar presente em cada pessoa chamada ao Carmelo é a inclinação à “meditação em seu coração”, a frase que o evangelho de Lucas usa duas vezes para descrever a atitude de Maria em relação a seu Filho. Os outros aspectos da vida mariana também podem estar presentes, como a devoção ao escapulário, ou ao rosário. Estes são, no entanto, secundários a respeito da genuína devoção mariana. Maria é nosso modelo de oração e de meditação. Este interesse em aprender meditar ou a inclinação à meditação é uma característica fundamental de qualquer Carmelita Secular e, é talvez, a chave no discernimento vocacional.

- ✓ Maria SS. modelo de vida carmelitana, especialmente de oração e meditação de acordo com a liturgia que levam a compreender a vontade de Deus e a colaborar no seu plano de Salvação (Lc 2,19.52); *é uma pessoa que há uma sã devoção mariana? Procura ir atrás de supostas aparições marianas não reconhecidas pela Igreja? Busca viver em familiaridade com a Virgem Maria?*
- ✓ Esta atitude contemplativa é a característica chave da vida mariana no Carmelo e para o discernimento

das vocações; *possui tendência para meditar no coração, segundo o exemplo de Maria?*

- ✓ O Escapulário e o rosário são aspectos da devoção mariana; *como vive os atos de devoção a Nossa Senhora?*

Inspirado por Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz

76. Os Carmelitas Seculares se submergem nas obras de nossos santos, particularmente nas de nossos santos fundadores, Teresa de Jesus e João da Cruz, para poder imbuir-se do espírito do Carmelo;

Cultivam uma dedicação filial a nossos santos carmelitas e os honram em suas festas;

Encontram inspiração e alimento na Sagrada Escritura, na Regra de Santo Alberto e na doutrina de nossos santos para a formação de sua vida interior, assim como um apoio para os deveres de seu estado de vida.

77. Damos uma importância especial a Santa Teresa de Jesus, a qual, em nossa tradição, chamamos “nossa Santa Mãe”. Chamamo-la assim porque ela é a que iniciou nosso carisma. São João da Cruz foi seu colaborador inicial na refundação espiritual e jurídica do Carmelo. Por isso também a ele chamamos de “nosso Santo Padre”. Conhecer a história, a personalidade de ambos e, sobretudo, seus ensinamentos, reafirma a cada carmelita na sua identidade.

78. As obras de Santa Teresa de Jesus são a expressão do carisma do Carmelo Descalço. A espiritualidade desta família religiosa tem fundamentos intelectuais muito sólidos. Implica

numa doutrina. Qualquer pessoa que deseja ser membro do Carmelo Descalço deve ter interesse em aprender dos mestres do Carmelo.

79. Na formação de um carmelita teresiano há um aspecto intelectual e há uma base doutrinal para vivenciar a espiritualidade e para a identidade de quem é chamado à Ordem. Por isso, todo frade ou monja, cada Carmelita Secular devem também ter boa formação intelectual e doutrinal, pois como membro da Ordem são seu representante e devem ser testemunhas de uma espiritualidade madura e profunda.

80. Esta base intelectual é o princípio de uma atitude de abertura ao estudo. Conduz a um gosto mais profundo pela Sagrada Escritura, os ensinamentos e os documentos da Igreja. A tradição da leitura espiritual, a *Lectio Divina* e o tempo para a leitura pessoal são o fundamento da vida espiritual.

- ✓ Desejo e busca de aprender da vida, dos escritos e da doutrina dos santos padres Teresa e João da Cruz; a Regra de S. Alberto; *é aberto/a a ler os escritos dos nossos santos? Encontra a satisfação nisso? Mesmo com a dificuldade inicial de entender a que lê, persevera na busca de aprofundamento?*
- ✓ Buscam seguir sua doutrina em sua vida espiritual e também a conhecem (formação intelectual), estudam e difundem; *possui uma afetividade equilibrada que permite viver as virtudes da fé, esperança e caridade com serenidade? Possui experiência de boas amizades?*

- ✓ Aprofundamento das Escrituras na *Lectio divina* e dos documentos do Magistério da Igreja. *Como é sua leitura da Bíblia? Possui costume de ler a Bíblia? Reza os salmos? Já leu os documentos da Igreja (pelo menos os mais recentes)?*

Se compromete com a Ordem

81. Os membros da comunidade dão grande valor à reunião semanal ou mensal como uma graça importante e lhe dão prioridade suas vidas. É ocasião para orar juntos, para a formação espiritual, para crescer na caridade fraterna e para tratar os assuntos da comunidade. São fiéis em participar às reuniões para seu próprio bem espiritual e para estímulo dos demais.

82. Uma das qualidades essenciais de uma vocação ao Carmelo Secular é o compromisso com a Ordem e com a Igreja. Há muitos católicos comprometidos que são devotos de Nossa Senhora e que são especialistas na espiritualidade de Santa Teresa ou de São João da Cruz ou Santa Teresinha, mas que não têm vocação para o Carmelo Secular. Podem ser contemplativos ou mesmo eremitas, que passam horas em oração e dedicam horas ao estudo diário, mas não têm uma vocação definida para ser carmelita.

83. O que é próprio dos que têm vocação ao Carmelo Secular, que difere daqueles que não têm. Não é a espiritualidade, nem o estudo, nem a devoção mariana. Para simplificar dir-se-ia que o Carmelita Secular é o que se sente movido a integrar-se à Ordem e, por meio da Ordem, à Igreja: para serviço da Igreja mediante a colaboração e a cooperação com o projeto da

Ordem. Esta entrega, que se formaliza pela Promessa, além de ser um acontecimento na vida da pessoa que a emite, é um compromisso eclesial e da Ordem.

84. O que vale dizer: a pessoa que se compromete, converte-se e se caracteriza como carmelita, recordando sempre a realidade pessoal, familiar, profissional e as responsabilidades implicadas em sua vida.

85. Um aspecto importante desta entrega é o compromisso com a comunidade. Uma pessoa que deseja ser membro da OCDS deve ser capaz de formar comunidade, de ser parte de um grupo que tem uma meta comum, de mostrar interesse pelos irmãos, de ser apoio na busca de uma vida de oração e estar aberto para receber a ajuda dos outros. Isto se aplica inclusive a essas pessoas que por várias razões não podem participar ativamente numa comunidade. Na formação se há-de desenvolver esta peculiar fraternidade.

- ✓ Compromisso com a Comunidade/Ordem/Igreja e participando fiel e ativamente na vida da mesma, não esquecendo os compromissos da vida familiar e de trabalho, etc. *Sua família está de acordo que faça parte da OCDS? Possui equilíbrio entre as várias atividades que exerce? Tem disponibilidade para frequentar as reuniões e compromisso da Comunidade?*
- ✓ *Através da Promessa; é disponível e livre para emitir a promessa? Tem capacidade de obediência? Vive a castidade segundo seu estado de vida? Como vive a pobreza e as Bem-aventuranças? Quer comprometer-se com a Ordem?*

- ✓ Capacidade de formar Comunidade e colaborar com outros e de receber sua ajuda; *É capaz de diálogo com os outros? Aceita correções e corrige? É leal no trato com os outros; inspira confiança? Mostra interesse em aprender e colaborar?*

Buscar o rosto de Deus na Oração e no Serviço

86. Para os membros da Ordem Secular é uma honra ser parte integrante da família do Carmelo. O privilégio de compartilhar sua herança e graças espirituais incita-o à responsabilidade de interceder por outros na oração e ser testemunha como membro do corpo místico de Cristo. O Carmelita Secular busca a união com Cristo no mundo através da experiência viva da Promessa feita segundo as Constituições da Ordem Secular.

87. As reuniões semanais/mensais são uma ajuda para a formação permanente. O estudo da Escritura e a Lectio Divina ajudam a compartilhar com outros as riquezas da Palavra de Deus. Ademais, o estudo dos ensinamentos da Igreja e da espiritualidade do Carmelo favorecem no aprofundamento de nossa relação com Deus e aumenta nossa capacidade de ser testemunha de seu Reino.

88. Buscar o “rosto de Deus”. Este elemento expressa o conteúdo da Promessa. Poderia ser formulado de várias maneiras: “rezar”, “meditar”, “viver a vida espiritual”. Talvez esta formulação expresse a natureza da contemplação: uma abertura constante à Palavra e ao trabalho de Deus na história para conhecer, amar e servir a Deus. O aspecto contemplativo da vida do Carmelita tem como centro Deus, reconhecendo

sempre que a contemplação é um dom, um presente de Deus, não algo adquirido como resultado de dedicar um tempo suficiente. Este é o compromisso que conduz à santidade pessoal. A OCDS quer ver a Deus, deseja conhecê-lo e descobre que agora a oração e a meditação adquirem maior importância. A Promessa é a entrega a uma nova forma de vida na qual a “lealdade a Jesus Cristo” marca à pessoa e sua maneira de viver.

89. Buscar o rosto de Deus requer uma disciplina peculiar no sentido clássico da palavra **discípulo** – aquele que aprende – Reconhecemos que somos sempre discípulos, nunca mestres. Temos uma capacidade de maravilharmos ante o que faz Deus no mundo. Deus é sempre um mistério. O chamado à Santidade é um desejo ardente do coração e da mente da pessoa chamada à Ordem Secular. É um compromisso necessário. O Secular é chamado à oração e nela encontra sua casa e sua identidade. Esta oração, esta busca de santidade, este encontro com o Senhor converte o Secular em parte mais viva da Igreja. E, como membro da Igreja, sua vida é eclesial. Crescer na vida de oração produz mais frutos na vida pessoal (crescimento na virtude) e na vida eclesial (apostolado).

- ✓ Busca da união com Cristo em meio ao mundo e às ocupações da vida secular, por meio da Promessa, da oração e meditação; *como vive o relacionamento de amizade com Cristo no dia-a-dia? Dedicar tempo pessoal para a oração e meditação? Participa da eucaristia durante a semana se há possibilidade?*

- ✓ Centralidade de Deus na própria vida; a Promessa é um meio para esta; *como vive os compromissos assumidos como Promessa?*
- ✓ Santidade de vida é consequência e fruto da vida de oração; *Testemunha o seu ser cristão na família, no trabalho, nas relações sociais com outras pessoas? Há sinais de crescimento na vida humana e cristã?*
- ✓ Vê a presença de Deus em meio à história: busca conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo; *Como percebe a ação de Deus na sua história de vida, na sua família? Possui uma fé viva e atuante?*

Para bem da Igreja e as necessidades do mundo

90. Os Carmelitas Seculares amam sua vocação e dão graças sempre e em todo lugar pelo dom que receberam da Providência divina em ordem à própria salvação e para o bem da Igreja. Organizam o dia em torno do compromisso de destinar pelo menos meia hora de oração pessoal, de modo que este “trato de amizade com quem sabemos que nos ama” se converta em fundamento para nossa vida e de nosso serviço à Igreja.

91. Para Santa Teresa a oração contemplativa é o coração da Igreja e é essencialmente apostólica. Os Carmelitas Seculares procuram viver o Evangelho num espírito de esperança profética no coração da Igreja e na sociedade.

92. Os Carmelitas Seculares, enviados por sua comunidade:

Apoiam as tarefas de sua paróquia e, segundo as circunstâncias e os talentos pessoais, envolvem-se na sua vida, especialmente nas áreas relacionadas com a oração;

Empreendem e se animam uns aos outros em grupos apostólicos de acordo com nosso carisma, onde se veja necessário;

Os que não podem participar no apostolado do grupo apoiam a seus irmãos e irmãs com a oração.

93. A formação na Ordem Secular, tanto inicial como permanente, deve ajudar à maturidade humana e cristã dos membros em sua vida de apostolado segundo o espírito e o carisma do Carmelo e sob o impulso do Espírito Santo.

- ✓ O amor à própria vocação leva a valorizar a vida de oração pessoal e litúrgica; *É grato/a pelo dom da vocação cristã e ao Carmelo Teresiano? Busca participar dos retiros e ter momentos de oração pessoal e litúrgica?*
- ✓ De uma vida orante brota a atividade missionária e pastoral: na paróquia onde vivem, grupos apostólicos afins ao carisma do Carmelo teresiano e por meio da oração de intercessão; *Tem algum trabalho pastoral em sua paróquia? Está aberto a assumir algum compromisso com a atividade apostólica da Ordem? Vive a dimensão orante e missionária da vocação ao Carmelo secular?*
- ✓ Interesse pela formação (inicial e permanente) que conduz à maturidade humana e espiritual e impulsiona a uma maior entrega de si no apostolado. *Como é seu esforço e atuação em aprofundar*

as formações recebidas na Comunidade? Busca ler e dedicar-se à formação pessoal? É aberto e interage com os demais na formação?

II - Perguntas para o trabalho em grupos

- 1. Partilhe sobre sua experiência no discernimento vocacional (próprio ou de outros);*
- 2. Estes Critérios de discernimento conhecidos e são levados em conta na sua Comunidade na acolhida das vocações, na formação inicial e na permanente?*
- 3. Como eles poderiam ajudar no crescimento espiritual pessoal e na vida da Comunidade?*
- 4. Outras sugestões ou temas de interesse do grupo...*

Caminhar na verdade...

Ao concluir estas breves reflexões sobre o discernimento, as palavras da S. madre Teresa nos animam sempre a caminhar na verdade-humildade. Eis a meta à qual chegar em todo discernimento.

Antes de tudo a Verdade divina, seu amor incondicional, sua vontade de viver em comunhão com a pessoa; depois a verdade pessoal de cada um. No encontro entre as duas o discernimento é a via que transformada em oração, faz com se aproximem cada vez mais uma da outra. “Caminhar na verdade diante de si, de Deus e dos outros” (6 *Moradas* 10,6) é a meta do discernimento. Somente com este percurso podemos ajudar os outros a caminharem na mesma direção.

Uma vez juntos, somos convidados a manter a direção certa ajudando-nos mutuamente a desenganar-nos do que não é agradável a Deus (cf *Vida* 16,7).

Cada pessoa que pede para fazer parte da Comunidade é um dom de Deus, possui uma dignidade humana e cristã e que, com os seus dons enriquece a Comunidade. Toda nova vocação é uma resposta de Deus a uma Comunidade que reza, pois “onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas” (EG 107). Cada nova vocação deveria suscitar em cada um da

Comunidade o sentido de louvor e gratidão a Deus por este dom.

Possa o Senhor conceder-nos a docilidade da Virgem Maria ao Espírito Santo. Ela nos ensine a viver naquela sua constante atitude de atenção interior à vontade de Deus e interceda por cada um de nós, nossas Famílias e Comunidades.

Roma, 25 de Março de 2017

Festa de S. Marcos Evangelista

.....

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.

Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecermos a voz de Deus e a sua chamada.

Despertaí em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.

Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor, para podermos tocá-Lo com a fé.

Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer.

Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.

Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.

Ensinaí-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor. (Francisco, Lumen fidei 60)

APENDICES

1) Discernimento pessoal

Discernir no âmbito pessoal é uma das tarefas do cristão³² e requer um certo conhecimento de si. Supõe que a pessoa conheça suas emoções, sentimentos e paixões mais comuns. Pede atenção e vigilância ao seu estado de ânimo interior. Esta é a base que permitirá perceber de onde provém as moções e distinguir as que provém do Espírito Santo para a realização do bem, ou de Satanás que impulsionam para o mal ou ainda da própria psique e intelecto que sugere as palavras ou visões imaginárias, provocando autoengano (Cf. S. João da Cruz, *Ditos* 41; *II Subida*, 29,11; 30,5; etc.).

Os autores espirituais dão regras ou critérios de discernimento. O mais conhecido é o método inaciano, descrito nos *Exercícios espirituais*³³. S. Teresa de Jesus e S.

³² 1 Jo 4,1: “Caríssimos, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo”.

³³ S. Inácio de Loyola oferece nos *Exercícios espirituais* (= EE) um itinerário de discernimento pessoal. Mencionamos aqui seus elementos mais importantes: a) conquistar a *liberdade interior*, sob a guia do Espírito Santo para vencer todo afeto desordenado e poder oferecer-se ao Senhor com vontade livre e sem impedimentos; b) *escuta da Palavra* com a conseqüente resposta a ela, fazendo assim a vontade

João da Cruz ao longo de suas Obras dão constantemente indicações práticas para discernir as graças verdadeiras daquelas falsas, seus frutos ou efeitos que garantem a autenticidade da vida de oração e mostram seu

de Deus que o tornará mais livre e comprometido com a ação de Deus;

c) *prontidão para a mudança*: estar disponível para mudar na vida pessoal, social ou comunitária quando interpelado pela Palavra, adquirindo a “indiferença” (= disponibilidade à vontade de Deus e desapego da vontade própria) diante das coisas criadas e optando fundamentalmente por Deus somente e pelo seu plano para cada um de nós; d) experiência de *consolação ou desolação*: é a ressonância interior da Palavra de Deus na pessoa, pela qual suscita moções interiores. *Consolação* espiritual é “quando causa na alma alguma moção interior que leva a inflamar o amor a Deus... a todo aumento de fé, esperança e caridade”, com a alegria pelas coisas divinas, paz e serenidade espirituais, com os frutos do Espírito (EE. n. 316). *Desolação* é a presença de obscuridade na alma, perturbação, moção para as coisas do mundo, inquietude e agitação, tentações que levam à desconfiança em Deus, sem esperança e amor, com a experiência de preguiça, fria, triste e como que separada de Deus (Cf EE. 317); e) *dinâmica de uma escolha*: Inácio apresenta através da experiência de consolações ou desolações (EE 176) um itinerário para uma escolha segundo Deus, cujo objeto deve ser bom ou pelo menos “indiferente” (EE 170). Exige também prestar atenção aos pensamentos para ver se terminam em coisas más, nocivas ou menos boas (EE 333); tal eleição deve-se fazer em tempo tranquilo (EE 177) e com um itinerário: 1º) precisar o objeto da eleição; 2º) delimitar o fim, isto é, Deus e o seu louvor e estar em “indiferença” para seguir o que for para a maior honra e glória de Deus e a salvação de si (EE 179); 3º) pedir ao Senhor que oriente as moções interiores para o que for de acordo com sua vontade; 4º) considerar os prós e os contra do objeto da eleição tendo em vista só o fim; 5º) deliberar segundo motivos razoáveis; 6º) apresentar na oração a escolha feita, pedindo a Deus que a confirme (EE 179-183). Cf. A. Baruffo, ... op. cit. 372-373.

crescimento³⁴.

De forma esquemática³⁵, os *indícios da ação do Espírito divino* normalmente são:

- ✓ conformidade com a Palavra de Deus e com a doutrina do Magistério da Igreja;
- ✓ humildade;
- ✓ docilidade e “obediência ao confessor antes que ao Senhor” (cf Vida 26,5; 33,4);
- ✓ discrição e equilíbrio;
- ✓ paz e serenidade.

Já os sinais que indicam moções do *Espírito do mal* geralmente são:

- ✓ tendência à falsidade;
- ✓ espírito de autossuficiência;
- ✓ ausência de paz interior, inquietação;
- ✓ orgulho e
- ✓ desprezo dos outros.

Enfim, alguns sinais que provêm do *espírito humano*:

³⁴ Embora os sinais para o discernimento mudem de acordo com a fase da vida espiritual em que a pessoa se encontra, de S. Teresa podemos lembrar para os principiantes os capítulos 11 a 13 do Livro da Vida e as Moradas 1 a3 e de S. João da Cruz os capítulos 1 a 6 da *I Noite escura*. Cf. Caminho de perfeição 39.

³⁵ Cf. Gabriel A. V. Vahos, *El arte del discernimiento creyente*. (Bogotá: Celam 2014), 32-43.

- ✓ egocentrismo mental e existencial;
- ✓ busca de compensações, etc.

2) Santa Teresa, *Caminho de perfeição* (39,1-4)

1. Guardai-vos também, filhas, das humildades que vêm do demônio, acompanhadas de grande inquietação a respeito da gravidade dos nossos pecados, que costuma nos acometer de muitas maneiras até afastar a alma das comunhões e da oração particular (por não ser ela digna, sugere-lhe o demônio). E quando a alma se aproxima do Santíssimo Sacramento, perde todo o tempo em que havia de receber graças pensando se está ou não bem preparada. A coisa chega a tal ponto que a alma tem a impressão de que, por ser como é, está tão abandonada por Deus que quase duvida de Sua misericórdia. Tudo o que ela faz lhe parece perigoso, e o seu serviço, por melhor que seja, infrutífero. Vem-lhe uma desconfiança que a impede de fazer qualquer bem, por pensar ela que o que é bem nos outros nela é mal.

2. Observai muito, filhas, o que vou dizer-vos, porque algumas vezes considerar-vos tão ruins pode ser humildade e virtude, e, outras vezes, uma enorme tentação. Eu sei disso, pois tive experiência. A humildade não inquieta, não desassossega nem deixa a alma em alvoroço, por maior que seja; ao contrário, vem com paz, com contentamento e tranquilidade. Mesmo que a pessoa, por se considerar ruim, entenda com clareza que merece estar no inferno, afligindo-se e tendo a impressão de dever

ser justamente condenada por todas as pessoas, quase não ousando pedir misericórdias, se a humildade for boa, esse sofrimento trará consigo uma suavidade e uma alegria de que não gostaríamos de nos ver privadas.

Quando a humildade é assim, não traz alvoroço nem angústia, mas amplia o coração, tornando a alma capaz de servir mais a Deus. Aquele outro sofrimento tudo perturba, tudo agita, revolve a alma inteira e é muito penoso. Creio que o demônio pretende com isso que pensemos ter humildade e, se puder, levar-nos a desconfiar de Deus.

3. Quando vos achardes assim, interrompei o quanto puderdes o pensamento sobre a vossa miséria e ponde-o na misericórdia de Deus, pensando no quanto Ele nos ama e padeceu por nós. Se for tentação, nem isso podereis fazer, pois ela não vos deixará sossegar o pensamento nem fixá-lo em coisa alguma, fatigando-vos cada vez mais; já será muito se perceberdes que é tentação.²

O mesmo faz o inimigo incitando-nos a penitências exageradas, que só servem para que pensemos que somos mais penitentes que as outras e que fazemos alguma coisa a mais. Se andais vos escondendo do confessor ou da prelada, ou se, ordenando-vos eles que deixeis essas penitências, não obedecéis, está claro que é tentação. Procurai, mesmo que sofráis ainda mais, obedecer, pois nisso está a maior perfeição.

4. O demônio ainda nos acomete com algo bem perigoso, que é a certeza de que de forma alguma voltaremos às culpas passadas e aos prazeres do mundo, pois “já o entendi e sei que tudo se acaba e que me dão

mais prazer as coisas de Deus". Se acontecer no princípio, isso é muito ruim, porque essa segurança faz que não tenhamos cuidado de evitar as ocasiões arriscadas; ela nos faz fechar os olhos, e queira Deus que a recaída não seja muito pior. Porque o demônio, como vê que se trata de uma alma capaz de lhe causar prejuízos e de favorecer outras, faz tudo o que pode para que ela não se eleve.

Dessa maneira, por mais presentes e provas de amor que o Senhor vos dê, nunca fiquéis tão seguras que deixeis de temer voltar a cair, protegendo-vos das ocasiões.

5. Procurai falar muito dessas graças e consolações com alguém que possa vos esclarecer e com quem não preciseis ter segredos; e tende o cuidado de, no princípio e no fim da oração, por mais elevada que seja a contemplação, concluir sempre com o conhecimento próprio. E se são de Deus as graças e consolações, mesmo que não queirais nem considereis esta advertência, vós o fareis ainda muitas vezes, porque isso traz humildade e sempre nos ilumina mais para vermos quão pouco somos.

Não quero me deter mais aqui, pois achareis muitos livros com esses avisos. Falei tudo isto por ter tido experiência e me ter visto em dificuldades algumas vezes. Tudo o que se possa dizer não nos pode dar inteira segurança.

3) **Santa Teresinha, MC 23v-24v:**

Sei que vossos cordeirinhos me acham severa. Se lessem estas linhas, diriam que não me parece custar o mínimo correr atrás deles, falar-lhes num tom severo mostrando seu belo

velocino sujo ou trazendo algum tufo de lã que deixaram nos espinhos do caminho. Podem dizer tudo o que quiserem, no fundo, sentem que os amo com amor verdadeiro, que nunca faria como o mercenário que, vendo o lobo chegar, abandona o rebanho e [23v] foge. Estou pronta a dar minha vida por eles, mas meu afeto é tão puro que não desejo que o conheçam. Com a graça de Jesus, nunca procurei conquistar o coração deles. Compreendi que minha missão consistia em levá-los a Deus e fazê-los compreender que, aqui, vós sois a minha Madre, o Jesus visível que devem amar e respeitar.

Disse, Madre querida, que instruindo os outros muito aprendi. Vi que todas as almas têm de travar, mais ou menos, os mesmos combates, mas são tão diferentes sob outros aspectos, que não tenho dificuldades em compreender o que dizia o padre Pichon: "Há muito mais diferenças entre as almas que entre os rostos". Por isso, é impossível agir da mesma maneira com todas. Com certas almas, sinto que devo fazer-me pequena, não recear diminuir-me, confessar meus combates, meus defeitos; vendo que tenho as mesmas fraquezas que elas, minhas irmãzinhas confessam por sua vez as faltas que pesam sobre elas e ficam satisfeitas por eu compreendê-las *por experiência*. Com outras, é preciso agir com muita firmeza e nunca voltar ao que foi determinado. Diminuir-se não seria humildade, mas fraqueza. Deus deu-me a graça de não temer a guerra, preciso cumprir minha obrigação, custe o que custar. Mais de uma vez, ouvi dizer: "Se quiserdes obter alguma coisa de mim, tem de ser pela doçura; pela [24f] força, não conseguireis nada". Sei que ninguém é bom juiz em causa própria e que uma criança em quem o médico faz um curativo doloroso não deixará de gritar e dizer que o remédio é pior que o mal. Contudo, fica boa alguns dias depois, feliz por poder brincar e correr. É assim com as almas, reconhecem logo que um pouco de amargo é, às vezes,

preferível ao doce e não receiam admitir. Em alguns casos, não deixo de sorrir interiormente vendo as transformações que se operam de um dia para outro. É fantástico... Dizem-me: "Tivestes razão, ontem, em mostrar severidade; no início, isso me revoltou, mas depois me lembrei de tudo e vi que fostes muito justa... Escutai: indo, pensava que estava tudo acabado, dizia para mim mesma: 'Vou falar com nossa Madre e dizer a ela que não mais irei com minha Irmã Teresa do Menino Jesus'. Mas senti que era o demônio quem me inspirava aquilo e pareceu-me que estivestes rezando por mim, então, fiquei tranquila e a luz voltou a brilhar; mas agora é preciso que me esclareçais para valer, e é por isso que estou aqui". A conversação inicia logo; fico muito feliz em poder seguir a tendência do meu coração, deixando de servir alimento amargo. Sim, mas... logo percebo que não é para ter pressa, uma *palavra* poderia fazer desmoronar o belo edifício construído nas lágrimas. Se eu tiver a infelicidade de dizer uma só palavra que pareça atenuar o que disse ontem, vejo minha irmãzinha tentar [24v] agarrar--se aos galhos, faço então uma pequena oração interior e a verdade triunfa sempre. Ah! é a oração, é o sacrifício que fazem toda a minha força, são as armas invisíveis que Jesus me deu. Elas têm muito mais poder que as palavras para sensibilizar as almas, experimentei-as mais de uma vez.

O DISCERNIMENTO VOCACIONAL DO CARMELITA SECULAR

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	3
<i>1. O discernimento como atitude do cristão</i>	5
<i>Discernimento no Novo Testamento</i>	7
<i>Alguns critérios de discernimento nos escritos paulinos</i>	10
<i>O exercício do discernimento da realidade secular</i>	11
<i>2. Discernimento pessoal e comunitário na OCDS como parte da formação permanente</i>	17
<i>O discernimento comunitário</i>	20
<i>Orientações para uma experiência comunitária de discernimento</i>	25
<i>Apêndice (2 Subida 22,11)</i>	28
<i>3. O discernimento vocacional na OCDS</i>	30
<i>Crítérios de discernimento segundo a Ratio Institutionis da OCDS</i>	40
<i>Caminhar na verdade</i>	53
<i>APÊNDICES</i>	
<i>1) Discernimento pessoal</i>	56
<i>2) Caminho de perfeição</i>	59
<i>3) S. Teresinha</i>	61

